

ÁREA TEMÁTICA:

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TECNOLOGIA E PRODUÇÃO
- TRABALHO

ARTE DA PERFORMANCE: UMA ASSOCIAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS ENTRE INTERCÂMBIO CIENTÍFICO E CRÍTICA SOCIAL

**SOUZA, J. P. (UEPG - julia_sza@hotmail.com)
CAMERA, P. (UEPG - camera.patricia@gmail.com)
TORRES, R. (UEPG - torresrenato@yahoo.com.br)**

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo expor a importância do *Espaço Permanente de Produção em Artes Visuais* como local de formação complementar para professores em Artes Visuais por meio do desenvolvimento de linguagens artísticas, com destaque para experiências em performance. Nesse sentido, a participação no projeto se configurou como um ponto de partida para o desenvolvimento de uma poética de criação, em especial dentro do *Coletivo Caixa Preta*, grupo de performance que integra parte das atividades deste projeto de extensão. Aberto a comunidade, o coletivo proporcionou trocas de conhecimento científico e aprendizagens que extravasaram os domínios da academia, adentrando no cotidiano da cidade de Ponta Grossa (PR). Buscando articular os conhecimentos assimilados entre a cadeira de *Arte da Performance*, cursada durante um semestre na Universidade de Coimbra (UC/PT) e os caminhos abertos pelo grupo.

Palavras-chave: Arte da Performance. Intercâmbio. Criação artística. Coletivo Caixa Preta, Artes Visuais.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se propõe a investigar as relações entre os conhecimentos trabalhados na cadeira de *Arte da Performance*, cursada na Universidade de Coimbra, e o processo de criação desenvolvido no *Espaço Permanente de Produção em Artes Visuais*, mais especificamente o Coletivo de Performance *Caixa Preta*.

OBJETIVOS

Como objetivo geral buscamos: Refletir sobre o processo de criação em performance no projeto de extensão “Espaço Permanente de produção em artes visuais”. Como objetivos específicos nos propomos a: Investigar a performance na Arte Contemporânea; Refletir sobre as contribuições do Espaço Permanente de produção em artes visuais (Grimpa) e do intercâmbio em Portugal para a construção de um trabalho artístico em performance; e por fim, analisar a produção artística em performance desenvolvida no *Coletivo Caixa Preta* da UEPG.

METODOLOGIA

Esta pesquisa será desenvolvida conforme um estudo qualitativo, baseando-se em experiências próprias associadas a estudos sobre a arte da performance. De acordo com Roselee Goldberg (2012), e Elida Tessler (2002), a obra de arte se altera continuamente, sendo possível tomar consciência do processo de criação através da pesquisa, uma vez que esta problematiza questões ligadas ao universo da arte. Para Geraldo Orthof (2002), o início de uma pesquisa em arte parte da relação entre as discussões do meio artístico e a experiência artística do artista/pesquisador.

DESENVOLVIMENTO

Em julho de 2016 fui aceita pela Universidade de Coimbra e selecionada como bolsista pelo programa Santander Universidades. Em setembro as aulas iniciariam e dentre as cadeiras escolhidas estava a de *Arte da Performance*, lecionada pelo professor Fernando Matos Oliveira em parceria com o Teatro Acadêmico Gil Vicente. Os estudos lá introduzidos viriam a ser um grande complemento para as atividades do *Coletivo Caixa Preta*, visto o interesse dos alunos nessa modalidade artística e ausência da performance como disciplina na grade curso da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Mas, para falarmos em Arte da Performance é necessário primeiramente esboçarmos o que ela é, sendo essa uma difícil tarefa pois essa modalidade artística é recente¹ e devido a sua experimentalidade, é uma arte que subverte e resiste às definições tradicionais, sofrendo variações de conceito de acordo com cada artista.

De acordo com os estudos realizados na cadeira de Arte da Performance, essa é uma arte menos institucionalizada que as demais, não sofrendo tanto pelo dogmatismo acadêmico e podendo ser considerada uma vanguarda da vanguarda. Nela, a temporalidade é muito diferente do teatro, podendo durar segundos e nem ser percebida ou prolongar-se por semanas. Pode acontecer tanto dentro de uma casa, onde o performer atua sozinho e é gravado, quanto em um local público, observando as reações de quem passa ou em locais totalmente institucionalizados como teatros ou museus. Diferentemente das demais artes, na performance vemos que o feminino costuma ser mais forte, tanto que uma mulher, Roselee Goldberg, foi quem contou sua história pela primeira vez.

¹ De acordo com Goldberg (1979) a primeira performance conhecida foi *Rei Ubu*, uma apresentação absurda e burlesca apresentada por Alfred Jerry em 11 de Dezembro de 1896. Mas essa forma de arte só foi consolidada nos anos 70, quando artistas se revoltaram contra o sistema e passaram a escrever sobre si, foi no momento em que a performance começou a falar de si mesma que seu nome foi consolidado e ela adquiriu força dentro da esfera artística.

A performance é um meio de experimentação ilimitado na arte e entre as artes, trabalhando todos os sentidos e sensações, sendo importante ressaltar que suas quatro variáveis principais são: corpo, espaço, tempo e a relação entre performer e público. Nela não se exigem atores, pois geralmente não há interpretação qualquer, o performer apenas mostra um lado de si mesmo e assume todos os riscos de tal, mas isso não significa que ele não possa ser ator ou estar atuando. Deste modo como o teatro se diferencia da performance atuada? De acordo com RoseLee Golberg (2012):

A linha divisória entre o teatro tradicional e a performance tornou-se assim indistinta, ao ponto de os críticos de teatro começarem a escrever artigos sobre a performance, apesar de a terem ignorado quase totalmente até 1979 [...] Não obstante, foram obrigados a reconhecer que o material e as suas aplicações tinham origem na arte da performance e que o dramaturgo/performer ostentava, de facto, uma formação de artista (GOLDBERG, 2012. Pg.252).

Assim, nem toda performance pode ser se encaixada nas artes teatrais contemporâneas e vice-versa, mas teatro e performance podem caminhar juntos. Nesse sentido um dos passos seguintes do Coletivo Caixa Preta, é a discussão da necessidade de uma associação teatral na performance, principalmente em relação à postura, resistência física e coerência visual entre todos os performers.

A performance tem como um de seus objetivos principais o ataque ao próprio conceito de arte, deixando de desenvolver representações para desenvolver ações. Dentro do contexto de Ponta Grossa, uma cidade do interior paranaense, onde a arte ainda está fortemente ligada ao contexto da academia tradicional, um ato performático tem grande potencial para causar estranhamento pelo público, bem como para promover reflexão. A última grande repercussão dessa forma de arte ocorreu em 2016, quando o *Grupo Desvio Coletivo* vinculado a Universidade de São Paulo (USP) e ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP) promoveu a performance *Cegos* na 44ª edição do Festival Nacional de Teatro Amador (FENATA). Dessa maneira, o coletivo Caixa Preta pode ser considerado o primeiro grupo de artistas na área de Performance da cidade. Sua primeira atuação foi documentada na primeira página do jornal Diário dos Campos (28/04/2017), abrindo a manifestação da Greve Geral na cidade e promovida nacionalmente.

No início de 2016, no âmbito da Universidade Estadual de Ponta Grossa e a partir de coordenação do professor Renato Torres, iniciou o *Espaço Permanente de Produção em Artes Visuais*, com o objetivo de desenvolver projetos artísticos pessoais de cada um dos

participantes sob orientação acadêmica. Nos primeiros encontros, como participante do projeto, via este projeto como uma possibilidade de continuar o que estava sendo desenvolvido em sala de aula, por ainda estar em busca de uma poética própria. Conforme os encontros foram avançando, por meio de experimentação e oficinas de técnicas novas, os trabalhos começaram a se distanciar da sala de aula, adquirindo independência e correlacionando-se. Vi esse caminho se repetir com diversos colegas e o interesse pelo grupo aumentar dentre os alunos do curso e a comunidade. Conforme isso foi acontecendo, o grupo de artistas também ganhou maior identidade, como consequência e sob incentivo do professor coordenador, os integrantes chegaram no consenso de chama-lo de “Grupo Grimpa”, em homenagem a esse elemento típico paranaense.

Posto que ensinar arte é um trabalho que se faz muito melhor pelas mãos daqueles que já experienciaram a criação em arte, ou seja, por artistas. Um grupo como esse dentro de um curso de Licenciatura em Artes Visuais é de suma importância para que os acadêmicos e futuros professores tenham esse tipo de experiência e consigam passar os anseios, sendo que o Grimpa permite que os acadêmicos continuem sua pesquisa mesmo depois de formados. E mais que isso, para que o profissional Professor de Artes Visuais tenha qualidade ele deve continuar pensando e produzindo arte, sendo que nisso, dentro da academia, estão inerentes à pesquisa e ao conhecimento aprofundado em história da arte.

Nesse contexto, a ideia do *Coletivo Caixa Preta* surgiu em 2016, durante o período em que eu estava realizando intercâmbio, concebida a partir do contexto de protestos contra a Medida Provisória 746 que propunha a retirada da disciplina de Arte do currículo no Ensino Médio. Nesse âmbito, a Professora Doutora Patrícia Câmara se reuniu com os alunos do 3º ano de Artes Visuais (turma 2013-2017) para concepção de uma performance. Nesta, eles decidiram vestir-se de preto, colocar caixas pretas de papelão cobrindo as cabeças com a frase “Arte Fica”, realizando a performance no semáforo de trânsito e apropriando-se de um lugar onde estavam artistas de rua, não considerados como pessoas intelectualizadas. Mas, nesse momento, o grupo de artistas ainda não recebia um nome e não estava vinculado ao Grupo Grimpa.

Em 2017, a partir de reuniões do Grimpa, o coletivo recebeu o nome “Caixa Preta”, tendo sido a principal ação ocorrida no dia 28 de abril de 2017 durante protesto contra as reformas trabalhista e previdenciária. Nesse cenário, foram reunidos 12 performers, todos vestidos de preto, carregando uma caixa de papelão que cobria a cabeça e escrevia de um lado “QUEREM CORTAR” e nas costas “NA SUA CARNE!!!”, por cima das roupas vestiam um avental de açougueiro manchado com rastros de mãos em tinta vermelha. A ação se resumia

em entrar em fila em sinaleiros fechados, que acompanhavam o caminho do protesto, já na faixa de pedestre, a cada 30 segundos os performers viravam, para que motoristas e pedestres pudessem ler o que as caixas diziam. Na avenida principal da cidade, partiram com a estratégia de abrir a manifestação, o que chamou a atenção dos transeuntes e da comunidade que paralisou seus trabalhos.

Foi uma performance de impacto na cidade, principalmente por essas intervenções artísticas no cotidiano serem raras. A ação alcançou a primeira página do jornal Diário dos Campos, o que aumentou seu impacto e difusão. Dessa forma, de maneira pacífica, a cidade refletiu sobre a crueldade dos atos que o governo tem tomado contra a população.

Figura 1 – Coletivo Caixa Preta (28/04/2017)



Legenda: Registro da Performance realizado pela professora Patricia Camera.

A pesquisa do *Coletivo Caixa Preta* é um trabalho que parte das questões sociais em voga no contexto atual em direção as ações, ou seja, assim como na metodologia poética de Elida Tessler (2002) “Encontrar um problema é nossa primeira tarefa”, pois é com a sensibilidade e a dor do problema que trabalhamos, e só a partir desse problema pretendemos desenvolver ações que o escancarem, desenvolvendo nosso papel de artistas e cidadãos que encontram na pesquisa um meio de “cicatrização”, ou seja, de sanar os problemas nos incomodam, mesmo que suas marcas resistam. Propomos um confronto com aquilo que nos aterroriza no contexto de futuros professores de artes visuais brasileiros dentro da sociedade contemporânea. Até esse momento os contextos utilizados para trabalho do “Coletivo Caixa Preta” foram de protesto. No entanto, o grupo tem a intenção de desenvolver ações que extrapolem esse meio, atuando no cotidiano da cidade.

Um dos próximos passos acordados pelo coletivo é hibridizar a performance com a fotografia, pois essa é uma arte que garante a reprodução, podendo aumentar o alcance de através das mídias sociais. As ações terão o intuito de discursar sobre situações que incomodam o cotidiano da cidade e a vida contemporânea em geral, sendo importante

ressaltar que para esse fim todas as ações realizadas todas devem seguir uma mesma linha conceitual, pois isso lhes garante impacto e atesta seriedade e identidade.

Outro conceito importante explorado na criação poética do grupo é esclarecido por Geraldo Orthof (2002) quando ele compara a arte a um rizoma, sem começo ou fim, mas com um meio pelo qual cresce, a partir de uma multiplicidade infinita para esses meios. Isto é, as conexões na arte acontecem tal qual, conexões hipermidiáticas, pois temos vários caminhos a seguir e cada um deles abre novos caminhos, onde o desenvolvimento do trabalho não é linear, mas tridimensional. O que é exponencializado quando falamos em um grupo no qual as ideias podem surgir de cada um dos participantes e se ligar a todos eles.

RESULTADOS

Como resultados da pesquisa obtivemos aprofundamento nas questões ligadas a arte da performance e estudo de caso acerca do *Coletivo Caixa Preta*, que será útil para a documentação do coletivo, bem como para sua organização. Deste modo ele poderá tomar continuidade de modo mais claro. Partindo dos conceitos definidos por Tessler de que obra e pesquisa devem intercalar-se para que os problemas que a obra discute sejam “cicatrizados”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa pesquisa pudemos perceber a amplitude de possibilidades que a arte da performance oferece, sobretudo porque ela subverte regras e definições, principalmente dentro do contexto do Coletivo Caixa Preta, que é de grande importância em relação à discussão artística, tanto considerando o cenário acadêmico dentro do curso de Artes Visuais, quanto da cidade de Ponta Grossa. Nesse sentido, o coletivo é um meio de fazer o cidadão refletir e ter mais criticidade quanto a sua própria realidade.

REFERÊNCIAS

BRITES, Blanca e TESSLER, Elida. **O Meio Como Ponto Zero**. In: _____. ORTHOF, G. *O chamariz do devir*. 1ª edição. Ponta Alegre: Ed. Universidade, 2002.

BRITES, Blanca e TESSLER, Elida. **O Meio Como Ponto Zero**. In: _____. TESSLER, E. *Coloque o dedo na ferida aberta ou a pesquisa enquanto cicatriz*. 1ª edição. Ponta Alegre: Ed. Universidade, 2002.

GOLDBERG, RoseLee. **A Arte da Performance: Do Futurismo ao Presente**. 2ª edição. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.